

A POS-VANGUARDA E A EPISTEMOLOGIA DO LUGAR

ARMANDO CORRÊA DA SILVA

Professor Titular do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

O lugar pode ser definido como um complexo de relações de localização determinadas e indeterminadas, subjetivamente e objetivamente.

Isto quer dizer que o lugar não pode ser um não-lugar, a não ser num sentido simbólico, ou seja, ausente de determinações físicas.

Mas, isto extrapola a dimensão geográfica. E preciso considerá-lo, então, apenas em sua dimensão humana, excluídas as influências naturais. Ora, isto é lidar com o lugar como um meio sem ponderabilidade, ou seja, como estar ausente das determinações da gravitação. Nesse sentido, o lugar é apenas um ponto no espaço, considerado como uma abstração, quer dizer, como um estar-aí sem referências materiais.

O lugar passa apenas a ser uma referência de apoio da produção do espaço material.

A Fenomenologia trata destas questões. no entanto, se eu pergunto o que é o lugar devo responder que é o existir. E, o que é o existir? E estar-aí, ou seja o ser-no-mundo. Então, o sêr é bidimensional, pois, uma coisa é estar-aí, ou seja, ser-no-mundo, outra coisa é o ser-em-si, que não tem materialidade expressa no existir-no-mundo.

Estas questões preocuparam Heidegger que não obstante definiu o seu estar-aí como o apóio ao nazismo, como argumenta Habermas.

O LUGAR DO SENSO COMUM

O problema é antigo e remonta aos pré-socráticos, como Parmênides: o sêr é, contrapondo-se a Heráclito que dizia o sêr é um contínuo vir-a-sêr.

O sêr é, como uma personalidade, por exemplo, e está continuamente, mudando. Ou seja, o processo é o devir da forma. Então, o lugar é forma, ou seja, manifestação, como argumenta Marx.

O fenômeno induz o raciocínio a perceber a aparência, o que, diante dos constrangimentos do mundo organizado (pelo homem) manifesta a positividade, que é ordem posta em movimento funcional. Mas, o movimento funcional é repetição de padrões uniformes.

Por isso, o senso comum não ultrapassa a permanência de referências cotidianas, num mundo em transformação contínua mas apenas mecânico.

A descoberta da eletrônica, que é o substrato das transformações atuais (vide informática) modifica os termos do problema.

ALEM DO SENSO COMUM.

O lugar, nesse caso., é compatível com a indeterminação, ou seja, o homem cria o lugar. Isto é materializado na ação do arquiteto, do urbanista, do paisagista, do engenheiro etc., ou seja, tudo depende do projeto que nasce de uma pre-ideação.

O comportamento aleatório transporta o pensar a uma dimensão supra-sensível. Aí, o lugar torna-se uma criação da imaginação e não um constrangimento material.

Isto é o modo de conceber da ficção, científica ou não, ou seja, a criatividade extrapola a coincidência ou sincronicidade.

A mente vazia de conceitos internalizados é capaz de objetivar a psiquê. Se nada está na mente que não esteja primeiro nos sentidos (Berkeley), não significa que a idéia precede a existência, ou, como quer Sartre, a "existência precede a essência".

O mundo dos objetos é o mundo real se consideramos também as relações. Mas, o que é uma relação? Ora, é ela que dá o sentido ao mundo dos objetos e aí voltamos ao ser-no-mundo mas, agora, nos defrontamos com o ser-e-o-nada.

SAINDO DO LUGAR

Mudar de lugar significa estar em outro contexto, por exemplo, estou no Bar tomando um drink, numa sexta-feira

em Vila Madalena, bairro boêmio de São Paulo, à margem indefinida do rio Pinheiros (ora corre em seu curso, ora seu curso é invertido) e depois estou em minha casa digitando este texto.

O que se passa em minha mente depende, então, do lugar em que estou e do entorno. Mudei de lugar (senso comum) ou mudei de relações de localização, determinadas e indeterminadas, subjetivamente e objetivamente (senso científico)?

Aristóteles defrontou-se com esse problema e argumenta que o lugar é um ponto e seus limites, definição útil à Geografia pois pode ser pensada em qualquer escala, porém, o teórico aqui é o geométrico de seu tempo (Euclides).

As novas geometrias, não muito novas, propõe um universo pós-tridimensional, incluindo a projeção da curva no interior de uma esfera abstrata. Finalizando, posso dizer que o lugar é uma bolha de sabão que se desfaz no ar. Ou seja, considerar a imaterialidade do lugar, se não tem referência científica consistente, abre, no entanto, o pensar à realidade contemporânea expressa na pós-vanguarda.

São Paulo, 21 de dezembro de 1996.